

A Experiência Religiosa Feminina numa Sociedade Mestiça

Suely Creusa Cordeiro de Almeida ¹

Resumo: A experiência do sagrado nas colônias portuguesas seguiu um processo que nos remete as vivências de uma religião calcada nos moldes europeus, mas miscigenada com as formas de culto e tradições incorporadas pelos indígenas e africanos. A mística feminina experimentada na colônia portuguesa da América, mais especificamente ao norte do Brasil, nos remete a noção de que elementos inconciliáveis encontraram-se e estabeleceram relações, inclusive de força, o que levou a promoção de uma recriação e reinterpretação dos códigos religiosos, promovendo um novo cristianismo. Foram mulheres andarilhas, que esmolaram pelo sertão, que se enclausuraram em casa para viver uma vida de santidade, ou que ousaram sonhar com a construção de casas religiosas lutando efetivamente para isso, enfrentando os poderes instituídos.

Abstract: The experience of the sacred in the Portuguese colonies sends us to a existences of a religion proceeded stepped on in the European molds, interlaced with the cult forms and incorporate traditions for the natives and African. The experienced feminine mystic in the Portuguese colony of America, more specifically to the north of Brazil, it sends us the notion that incompatible elements were and established relationships, besides for power, what took a Re-Creation and a Re-interpretation of the religious codes, promoting a new Christianity. They were wandering women, which begged for the interior, that were cloistered home to live a life of sanctity, or that they dared to dream with the construction of religious houses struggling indeed for that, facing the instituted powers.

O fenômeno leigo de homens e mulheres penitentes que levavam em sua própria casa uma existência austera e devota remonta a Antiguidade. Mas foi no século XII que a busca de uma espiritualidade pelos leigos tornou-se algo conscientes; eles não estavam excluídos da vida religiosa. Muitos leigos procuraram formas de vida que conciliasse as suas exigências de uma vida consagrada a Deus e às condições materiais de sua existência. Esse novo estilo de vida influenciou profundamente as mulheres, pois muitas eram impedidas, por razões de ordem econômica e social, de serem admitidas em mosteiros. (VAUCHEZ 1995, p.119 e 120)

Desde as últimas décadas do século XII, nas regiões correspondentes à atual Bélgica, constituíram-se assim agrupamentos de mulheres chamadas beguinhas, que viviam em comunidade sob a direção de uma delas, sem pronunciarem votos religiosos propriamente ditos e associando o trabalho manual e a assistência aos doentes a uma intensa vida de oração. (VAUCHEZ, 1995, p.120)

A partir do século XIII, há como que um abrandamento de um forte discurso misógino, que foi fortemente atacado no século anterior por Robert d'Arbrissel e santa Hildegarda de Bingen, que procurou livrar a mulher das suspeitas que recaiam sobre ela pelo

¹ Professora da Graduação e da Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

papel desempenhado por Eva na falta original e a limitação intelectual e moral que lhe era atribuída por toda uma tradição literária antiga reafirmada pelos autores medievais (VAUCHEZ, 1995, p.149). Surge uma espiritualidade feminina que não era uma mimese da masculina e que provou ser em alguns aspectos até superior a dos homens. Essa espiritualidade chega através de uma difusão penitencial que estabeleceu elos entre o amor a contrição. Teremos a figura da mulher arrependida; não é mais necessária uma perfeição inata ou herdada, mas a conversão. Quebra-se, com a figura de Maria Madalena -a mulher arrependida -, a assimilação entre virgindade e perfeição, há uma virgindade espiritual conquistada pela penitência. Dessa forma, abre-se uma pluralidade de caminhos para a vivência de uma espiritualidade fora das normas e regras impostas na vida intramuros. As experiências das mulheres medievais atravessarão os séculos e chegarão de forma esmaecida a Ibéria e, à colônia portuguesa, entre os séculos XVII e XVIII. Ao mesmo tempo em que as crenças ameríndias e africanas farão a interpretação dos elementos presentes nessa tradição realizando um rearranjo para as vivências na colônia. Assim, passados os anos as crenças locais, oriundas das populações derrotadas agarraram-se aos elementos do cristianismo estimulando o aparecimento de forma mestiças de viver a espiritualidade. (GRUZINSKI, 2001, p. 281).

A religiosidade da colônia é popular, cabocla e se expressou no aparecimento dos beatérios; foram casas que surgiram da necessidade de mulheres pobres e desamparadas que, sem condições econômicas para *tomar um estado*, resolvem fazer votos particulares, mantendo a virgindade e enclausurando-se voluntariamente em suas casas. Essas mulheres beatas submetiam-se a rigorosas penitências, tendo como princípio maior a caridade. Região empobrecida, não apresentava condições favoráveis para uma vida com dignidade, os sertões brasileiros viram pulular um grande contingente dessas mulheres beatas, que possuíam um gênero de vida mais rigorosa que o dos conventos, vivendo numa muito grande pobreza, utilizando a penitência de uma forma cada vez mais rigorosa. É inclusive provável que a vocação para a religião fosse, entre elas, muito maior que no interior dos conventos. Assim será possível perceber uma negociação constante entre um cristianismo tridentino e a realidade colonial marcada pela presença do indígena e do africano suas formas de viver e adorar.

A existência dos beatérios foi, durante muito tempo, uma resposta para as necessidades sociais e econômicas e não somente a busca por uma vida contemplativa, mesmo porque os beatérios têm um perfil muito mais voltado para uma vida religiosa ativa,

uma espécie de reflexo do passado, quando as mulheres podiam dedicar-se a auxiliar os pobres e desvalidos, do que para um modelo que valoriza o contemplativo, a mística e o confinamento intramuros, ou, em outras palavras, de observantes da clausura monacal. Assim a experiência mística foi recriada em um ambiente novo em termos religiosos, políticos e sociais. Estando diante de uma realidade mesclada, o pensamento mestiço que se formou na América integra imagens e idéias que podem aparentemente ser disparatadas e originalmente irreduzíveis, mas que imprime uma nova força e, inédita, a mensagem cristã criando algo novo (GRUZINSKI, 2001, p.268). A presença dessas mulheres andarilhas pelos sertões deve ter provocado, nas populações locais, um misto de estranhamento e medo. Estranhamento, pelo fato de estar diante de mulheres sozinhas, vestidas de terceiras franciscanas, a esmolar e a pregar; e medo, pela insistência nas admoestações e prédicas morais que lembravam o final dos tempos aos pecadores. Humanas completamente humanas apresentavam seus corpos em sacrifício pelo filho de Deus e dos mortais pecadores que precisavam da salvação. São mulheres que fizeram opção por uma forma de viver possível naqueles tempos, promovendo uma solução para sua condição de mulher, pobre e solitária. Elas estão *na rua, mas não são da rua*, são respeitadas, exercendo, sobre as comunidades das pequenas vilas e povoações, certa autoridade, que lhes é conferida pelo manto da religião leiga. Poderíamos chamá-la de vida semi-religiosa, pois as mulheres que ingressavam nela buscavam consagrar-se a Deus sem se retirar do mundo.

Segundo Maria Beatriz Nizza, ser irmã da ordem terceira de S. Francisco ou do Carmo era muito mais um estilo de vida possível que ao mesmo tempo fazia amealhar votos para a salvação da alma. Havia aquelas que frustradas por não haver convento em Pernambuco como D. Joana de Albuquerque, e que não pode transitar para o reino com a Invasão Holandesa, vestiu o hábito de Terceira de S. Francisco. Loreto Couto, em sua narrativa assevera que era uma escolha ser terceira em Pernambuco, pois essas irmãs mantiveram-se celibatárias até a morte. O estatuto da Ordem Terceira do Carmo do Rio de Janeiro esclarece que quando essas irmãs desejassem tomar o hábito inteiro descoberto deveriam dirigir-se a mesa para expor suas motivações. Havia uma espécie de investigação sobre sua limpeza de sangue, reputação, modo de vida e costumes. Elas não deveriam ter menos de quarenta anos e se caso tivessem deveriam ter licença da mais alta autoridade eclesiástica, consentimento do marido, se casada ou do pai e irmão se tivesse sob a guarda e obediência. Outro elemento que aparece como primordial nos finais do XVII, é a

possibilidade de sustento sem a necessidade de mendigar em lugares públicos (SILVA, 2001, p.105)

Em Pernambuco localizamos a história de Lourença do Rosário e Ana Maria de Jesus. Lourença do Rosário foi perfilada pela documentação da época como uma mulher devota, que fundou um recolhimento para órfãs e donzelas. Ela vivia amortalhada em um hábito pobre, descalça, com uma toca na cabeça e um Menino Jesus nos braços com o qual esmolava para o sustento das mulheres pobres e desenganas que com ela viviam, complementando com trabalhos de mão o que a caridade não supria. A casa por ela fundada localizava-se no Beco do Paraíso, nos Afogados; era um empreendimento pobre que sobreviveu de doações modestas oriundas de uma comunidade pobre e desprotegida. A principal atividade da casa era a de educar meninas pobres, prestar socorro aos acometidos de doenças, acompanhando famílias enlutadas, puxando o ofício dos mortos, quando faltasse um sacerdote. A presença dessa mulher e de suas devotas irmãs, no distante Afogados deve ter proporcionado, àquela povoação, uma sensação de conforto e tranquilidade, pois, as pessoas que nela viviam passaram a se sentiam apresentadas a Deus em suas misérias pelas beatas (ALMEIDA, 2005, p.254).

Outra beata que compõe o quadro da religiosidade popular feminina pernambucana foi Ana Maria de Jesus. Ela era uma órfã dotada pela Ordem Terceira dos Carmelitas, com uma exígua quantia de 200 réis. Sendo impossível para jovem utilizar esse recurso para tomar estado de casada, aplicou na conquista de um lugar de recolhida no beatério dos Afogados, juntando-se a outras mulheres pobres e solitárias a serviço do salvador das almas (AHU- Avulsos de Pernambuco-cx. 67 doc. 5658 1748). Ana Maria de Jesus, alguns anos depois, tornou-se a regente do beatério, dedicou sua vida para alcançar o objetivo de transformar a casa em convento. Além de ser uma beata andarilha que esmolava pelos sertões, também foi ativa no sentido de estabelecer relações com pessoas importantes da vila do Recife e do bispado pernambucano, construindo alianças em torno de seu projeto de erigir um convento para mulheres submetido à ordem carmelitana. E não foi só isso; viajou para Portugal em busca de apoio para seu projeto, da própria rainha. Ana Maria não pode ser definida como uma mulher culta, mas tudo indica que sabia ler e escrever, pois, preocupada com a qualidade da educação das mulheres recolhidas que com ela faziam vida comum, trouxe livros de Lisboa para compor uma humilde biblioteca do beatério, há esse tempo, 1778, conhecido com Recolhimento da Glória, não mais situado nos Afogados, mas na Boa Vista (AHU- Avulsos de Pernambuco- cx.132, doc. 9907- 1778). Conquistou muitos amigos

importantes como o Deão de Olinda, Manuel de Araújo de Carvalho Gondim, mas também muitos inimigos incluindo-se entre eles o próprio governador de Pernambuco. É evidente que, com um perfil tão independente como foi o seu, não podia agradar a muitas pessoas (AHU – Avulsos de Pernambuco – cx. 132, doc. 9907 – 03/12/1778; 07/12/1778. APEJE – Ordens Régias – doc. 19 fls.5, 1778/79).

As místicas citadas absorveram como verdadeiras as práticas religiosas realizadas na Europa, adaptando-as à realidade de uma religiosidade leiga. Optaram por fazer desaparecer gostos, desejos, paixões, preferências secretas, numa palavra toda a vida afetiva, ligada ao corpo, que a condiciona e a cria. Longe das paisagens geladas da Europa, a mística cabocla adaptou-se ao sol, à sequidão, à visão de uma terra que vai dos tons de bege ao preto, preto expressão de uma vida que queimou, de um corpo que foi destruído cujas cinzas se espalharam entre palmas e avelós que de tão verdes em meio à desolação parecem ter sugado toda a possibilidade de vida daquela vastidão do sertão. Foi nessa terra seca que perambularam corpos esqueléticos de mulher que; pregando e esmolando, tentaram negando suas vidas pessoais levar aos abandonados de Deus a esperança de outra vida de outro corpo. Foi nessa terra que muitas mulheres se enclausuram em suas casas, amortalhando-se em vida em busca da esperança de um corpo incorruptível.

Referências:

- ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e devotas: mulheres da colônia:** Condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil. 1750-1822. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993.
- ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro. **O sexo devoto:** normatização e resistência feminina no Império Português. Recife: Editora Universitária/UFPE, 2005.
- ARANA, Maria José. **La clausura de las mujeres:** uma lectura teológica de un proceso histórico. Bilbao: Ediciones Mensajero, 1992.
- AZZI, Riolando; REZENDE, Maria Valeria. A vida religiosa feminina no Brasil colonial. *In:* AZZI, Riolando (Org.). **A vida religiosa no Brasil:** enfoques históricos. São Paulo: Paulinas 1983.
- BASTIDE, Roger. **Os problemas da vida mística.** Lisboa: Publicação Europa-América, 1959.
- COUTO, Domingos Loreto. **Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco.** Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** o nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço.** São Paulo: Companhia das letras, 2001.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA, Lana Lage da Gama. **Mulheres, adúlteros e padres**: História e moral na sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1989.

SILVA, Maria Beatriz Nizza. **Donas e Plebéias na sociedade Colonial**. Lisboa: Editorial Estampa, 2002.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópicos do pecado**: moral sexualidade e Inquisição no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade na Idade Média Ocidental: (séculos VIII – XIII)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.